

Alemanha-Brasil: uma historiografia do cinema transnacional ¹

Germany-Brazil: a transnational cinema historiography

Wolfgang Fuhrmann² (Professor – Universidade de Zurique, Suíça)

Resumo:

Neste artigo, discutimos a possibilidade de uma historiografia do cinema transnacional tendo como pano de fundo um conflito político-cultural entre o Brasil e a Alemanha. Apesar de diferenças estruturais entre os dois cinemas (p. ex. cronologia ou força econômica), vamos argumentar que escrever uma historiografia de uma perspectiva transnacional permite abrir não só novas áreas da pesquisa históricas do cinema como também entender melhor acontecimentos do cinema e da história nacional.

Palavras-chave:

Transnacional, historiografia, distribuição, recepção histórica.

Abstract:

The paper discusses the possibility of a transnational film historiography on the background of a political-cultural conflict between Brazil and Germany. Despite the structural differences between the two national cinemas (e.g. chronology or economic strength), the paper argues that writing a historiography from a transnational perspective opens not only new areas of film historical research, it also offers a better understanding of film historical events and of national history.

Keywords:

Transnational, historiography, distribution, historical reception.

Para uma historiografia transnacional

O filme *Der Weg nach Rio* (Manfred Noa, DE 1931), nos jornais brasileiros conhecido como *A caminho do Rio* e *O caminho do Rio*, conta da jovem datilógrafa Inge que tem um grande desejo: uma vez na vida ela gostaria de dirigir um grande carro de luxo. Seu noivo Karl, que trabalha em uma garagem, cumpre este desejo. Com um carro da garagem, eles fazem um tour e atropelam uma criança. Os dois têm que fugir da Alemanha e com a ajuda de uma mulher duvidosa Inge vai para Rio de Janeiro, onde ela acaba trabalhando como uma “garota de programa”. Na Alemanha, Karl foi preso pelo polícia e após sua pena de reclusão, Karl vai para o Brasil, onde ele pode libertar Inge com ajuda da polícia local.

¹ Trabalho apresentado no XXI Encontro Socine de Estudos de Cinema e Audiovisual na sessão: INDÚSTRIA E HISTÓRIA.

² Doutor em Cinema pela Universidade de Utrecht, Holanda. Historiador do cinema, Departamento de Cinema, Universidade de Zurique, Suíça.

A caminho do Rio é um filme do gênero de tráfico de mulheres (white slavery film). Filmes desse gênero contam histórias de como mulheres européias são sequestradas ou seduzidas com falsas promessas e levadas a países estrangeiros e exóticos, onde elas têm que se prostituir nos bordéis locais. O gênero, que é tão antigo quanto o cinema, foi tão bem-sucedido nos cinemas internacionais que o próprio Sergeij Eistenstein queria fazer um filme da mais famosa reportagem sobre esse tema, *Le Chemin de Buenos Aires* (A caminho de Buenos Aires), de Albert Londres, de 1927.

A reportagem de Londres evidentemente inspirou o título do filme alemão *A caminho do Rio*. O filme, que foi produzido por Lothar Stark-Film GmbH e distribuído na Alemanha pelo Südfilm GmbH, atraiu um grande público, os jornais fizeram uma boa crítica dele e Siegfried Kracauer escreveu que o filme foi um bom exemplo de filme sonoro e melhor que muitos outros filmes dessa época (MÜLDER-BACH, 2004, p. 441).

Em 17 de março de 1931, o jornal carioca *Diário de Notícias* publicou um artigo com a manchete sensacionalista “Um filme injurioso ao Brasil e à sua civilização”. O artigo não foi sobre um filme brasileiro nem sobre um filme estrangeiro exibido no Brasil. O artigo referiu-se a um evento escandaloso que tinha acontecido algumas semanas antes na Alemanha, em Berlin. A razão para a indignação pública foi a exibição do filme *A caminho do Rio*, que estreou em Berlim no dia 15 de janeiro.

A seguinte imagem do filme dá uma impressão da disputa entre Brasil e Alemanha. Nós vemos uma cena que mostra o cafetão Ricardo Gabiano com sua amiga Marietta. O fundo musical dessa cena é um velho gramofone que é rodado a dedo por uma empregada.



Oskar Homolka (Ricardo Gabiano) e Herta von Walther (Marietta) em *Der Weg Nach Rio* (Manfred Noa, DE 1931. Fonte: Print screen do autor.

O jornal alemão Film-Kurier escreveu sobre a cena: "...muita piada visual com muitas ideias curiosas adequam-se ao meio social (como a 'operação manual' do gramofone)."³ Para o jornalista brasileiro a cena esteve menos cômica mas mostrou uma denúncia visual do Brasil como um país primitivo e atrasado: "Para demonstração de nosso atraso, apresentam um gramophone primitivo que é rodado a dedo por uma velha andrajosa desdentada e gafeirenta."⁴

Até o verão do ano 1931 a discussão sobre o filme causou correspondências intermináveis entre as embaixadas em Berlim e no Rio de Janeiro e provavelmente foi o conflito diplomático cultural mais grave na história de dois países. Hoje, o escândalo não é mais como uma nota de rodapé nas histórias de dois países, mas como gostaria de mostrar e argumentar, investigar o filme de uma perspectiva transnacional abre novos contextos e relações entre os países que ficariam desconhecidos nas historiografias tradicionais – quer dizer, historiografias nacionais.

Uma perspectiva transnacional do filme *A caminho do Rio* pode explicar, por exemplo, por que o filme desapareceu das telas alemãs no verão de 1931. Também mostra que o Brasil fez uma intervenção bem-sucedida no mercado alemão e explica por que essa intervenção causou um problema para exibição de outros filmes alemães no Brasil. Por fim, uma perspectiva transnacional mostra como um filme de gênero alemão fez parte nos projetos ideológicos políticos do Estado Novo. Portanto, nós podemos identificar quatro contextos: O escândalo e as relações diplomáticas entre Alemanha e Brasil; *A caminho do Rio* na história do cinema alemão; *A caminho do Rio* na história do cinema brasileiro e o filme como parte de um projeto ideológico nos próximos anos do Estado Novo.

O escândalo diplomático

A disputa entre Brasil e Alemanha começou uma semana depois da estreia do filme *A caminho do Rio*. Em decorrência de uma informação de um amigo, o diplomata brasileiro Antônio

³ Film-Kurier, 16 jan. 1931.

⁴ Diário de Notícias, 17 mar. 1931.

Miranda Guerra-Duval protestou pessoalmente no Ministério exterior alemão em Berlim.⁵ Guerra-Duval protestou contra a degradante imagem do Brasil no filme. Segundo ele o filme dá a impressão de que particularmente o tráfico das brancas é um bom negócio no Brasil, a polícia brasileira é corrupta e todos os Brasileiros são mal-educados. Duval enfatizou que a distribuição do filme pode resultar em um boicote dos filmes alemães no Brasil, que pode piorar a posição dos filmes alemães, que já não estão na melhor das situações por causa da competição com as produções dos Estados Unidos. Guerra-Duval esperou que ministério alemão tomasse medidas políticas para acalmar o governo brasileiro e os jornalistas que iriam informar o país sobre o filme insultante. Ao mesmo tempo, Duval contactou a distribuidora Südfilm e informou a empresa sobre possíveis protestos contra o filme nas mídias brasileiras. Guerra-Duval avisou Südfilm suspender a distribuição por seus próprios interesses.⁶

Nas próximas semanas o conflito entre as embaixadas e com a distribuidora continuou, e começou a envolver o governo brasileiro. Os dois países não tiveram interesse em piorar as relações entre eles, mas também não conseguiram acalmar a situação. A embaixada brasileira insistiu em seu protesto e a embaixada alemã recebeu um bilhete verbal do governo Brasileiro que disse que o filme alemão era um insulto ao país.⁷

Em março, o Diário de Notícias publicou o artigo sobre o filme e outros jornais como *A Esquerda* (21 mar. 1931), *O Correio de Manhã* (19 mar. 1931) ou *Noticia de Joinville* (23 mar. 1931) sucederam e provocaram uma indignação pública no Brasil sobre a estreia do filme. Em abril, o ministro das Relações Exteriores, Mello Franco, advertiu o jornalista do *Diário de Notícias* por seus artigos que colocaram o ministro sobre enorme pressão para reagir adequadamente ao escândalo.⁸

Em reação à discussão que continuou nas próximas semanas o diplomata alemão no Rio de Janeiro, Hubert Knipping, recomendou publicar artigos nos jornais alemães que

⁵ Politisches Archiv, Auswärtiges Amt (Arquivo Político, Ministério do Exterior da Alemanha): PA AA, R 78933, 23 jan. 1931.

⁶ Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI), Rio de Janeiro:: 4/2/13, carta 23 jan. 1931.

⁷ PA AA, 78933, 28 feb. 1931.

⁸ PA AA 78993, 11 abr. 1931.

comprovam que também o público alemão não está de acordo com o tema do filme.⁹ Em maio, um jornal de Berlim, o *Berliner Tageblatt*, comentou a polêmica entre os dois países e lembrou “(...) que Viena não é somente uma cidade de restaurantes alegres (...) Paris também não é unicamente a cidade das revistas de café concerto, e nos Bálcãs não vivem apenas príncipes de opereta, nem o Brasil e Argentina são centros onde impera lenocínio”.¹⁰ No mesmo mês, o ministro da Fazenda proibiu todos os filmes da distribuidora alemã Südfilm e, algumas semanas depois, as produções cinematográficas do produtor Lothar Starke.¹¹

O Südfilm tentou suspender a proibição dos seus filmes e mudou o título do filme para *A bola verde* e ofereceu distribuir gratuitamente filmes culturais do Brasil, especialmente do Rio de Janeiro, na Alemanha.¹² Autoridades brasileiras mantiveram a proibição e Guerra-Duvall pessoalmente recomendou continuá-la: “Cancelar, neste momento, a medida proibitiva das fitas da Sued Film se me afigure ofensivo aos nossos interesses futuros e desmerecedor de nosso prestígio”.¹³

A caminho do Rio na história do cinema alemão

O conflito diplomático e o escândalo que o filme provocou foram significativos para o cinema alemão e para o cinema brasileiro. O filme *A caminho do Rio* simplesmente desapareceu das telas alemãs em 1931, e os cinejornais alemães não dão uma explicação dos motivos. Ao contrário, depois da estreia bem-sucedida do filme, o cine jornal alemão *Der Kinematograph* presumiu que mais filmes como *A caminho do Rio* iriam chegar nas telas alemães nos próximos anos¹⁴, mas somente um filme foi produzido nos anos seguinte: *Kampf um Blond. Mädchen, die spurlos verschwinden* [Combate por louras. Garotas que desaparecem sem deixar rastro] de Jaap Speyer (DE 1932). O filme evita qualquer associação com a América do Sul e coloca a história em uma cidade de fantasia: Zagossa no Oriente. A grande polêmica diplomática entre

⁹ PA AA 78933, 25 mar. 1931.

¹⁰ Berliner Tageblatt, 14 maio 1931.

¹¹ Diário Oficial, 12 maio 1931, p. 7568.

¹² AHI, Rio de Janeiro: 4/2/13, 9 jun. 1931.

¹³ AHI, Rio de Janeiro: 4/2/13, 15 set. 1931.

¹⁴ Der Kinematograph, 17 jan. 1931.

Brasil e Alemanha deu boas razões para os produtores alemães evitarem o gênero de tráfico de mulheres nos próximos anos.

***A caminho do Rio* na história do cinema brasileiro**

Pelo lado do Brasil, o escândalo mostra que o Brasil tinha meios para interferir nos mercados internacionais. No caso da distribuidora Südfilm, o Brasil conseguiu mudar a estratégia de marketing da empresa. A Südfilm decidiu cessar a distribuição do filme no exterior, provavelmente porque a empresa teve medo que o governo brasileiro pudesse escandalizar de novo as estreias de seus filmes nos outros países.

A proibição de *A Caminho do Rio* tem um segundo aspecto importante: em 1932, a opinião pública virou-se contra o governo, respectivamente contra a proibição dos filmes da Südfilm. Por causa da decisão do governo, outros filmes da Südfilm não puderam ser mostrados no Brasil e os jornais brasileiros fizeram uma simples pergunta: Qual é o papel de um distribuidor se não distribuir filmes? Um distribuidor vende direitos e não produz filmes.¹⁵ Além disso, por que o governo puniu uma empresa estrangeira que operou exclusivamente no território alemão? Em março de 1933, o governo brasileiro decidiu suspender a proibição dos filmes da Südfilm.¹⁶

***A caminho do Rio* e o Estado Novo**

O último contexto que nós gostaríamos de apresentar é o escândalo sobre o filme como parte do projeto ideológico cultural nos primeiros anos do Estado Novo. Nesse contexto, o papel do jornalista que iniciou o escândalo é importante. Com o Estado Novo, a política brasileira evidenciou preocupações quanto à imagem do Brasil no exterior. Melhorar a imagem do Brasil e distribuir os valores culturais do Brasil no exterior foi o objetivo do Serviço de Expansão Intelectual que foi fundado em 1934. Como indicamos no início, não foi Guerra-Duvall que descobriu o filme *A caminho do Rio* nos cinemas alemães, mas sim um amigo dele. Existem boas razões para supor que esse amigo era o diplomata Ildefonso Falcão, primeiro diretor do Serviço

¹⁵ O Jornal, 24 set. 1932.

¹⁶ Diário Oficial, 15 maio 1933, p. 5082.

de Expansão Intelectual nos anos 1935 e 1936. Afinal, o jornalista que publicou o artigo inicial sobre *A caminho do Rio* no *Diário de Notícias* em março de 1931 foi o próprio Ildelfonso Falcão.

Como Juliette Delmont escreve, Falcão era da opinião de que “era necessário combater o imaginário que caracterizava o Brasil como uma terra de ‘selvagens’, destacada mais por sua natureza exuberante que pelas realizações de seu povo” (DELMONT, 2014, p. 208). Em 1936, Falcão escrevia: “é tempo de nos conhecerem lá fora através de todas nossas realizações de modo que deixem de enxergar-nos como uma taba vastíssima de índios chucros e de mestiços analfabetos” (DELMONT, 2014, p. 208). Como devemos entender o lançamento do artigo - uma experiência traumática ou um bom passo estratégico de Falcão?

É muito possível que *A caminho do Rio* tenha sido a gota que fez transbordar o copo de Falcão, então ele queria mostrar zero tolerância com as humilhações nos filmes estrangeiros, mas como uma pessoa informada ele também deveria saber que filmes do gênero tráfico de mulheres eram muito populares nos cinemas, também no Brasil. Alguns anos antes, o filme alemão *O trafico das brancas* de Hans Steinhoff (DE 1927) obteve grande sucesso nos cinemas cariocas. A história do filme sobre criminosos, traição, lascividade e erotismo pareceu mais interessante que o local que, como no filme *A caminho do Rio*, era o Rio de Janeiro: *A Scena Muda* reservou uma página dupla colorida para uma imagem do filme que mostra senhoras seminuas.¹⁷ A popularidade do gênero pode explicar porque, em contraste com o discurso político, o discurso nas revistas cinematográficas brasileiras sobre *A caminho do Rio* foi muito menos exaltado. O jornal *Cinearte* respondeu ao escândalo apenas um ano depois e *A Scena Muda* deixou inteiramente de abordar o assunto.¹⁸

Mas a escandalização de Falcão ao filme também serviu a objetivos políticos. Em janeiro de 1931, dois meses antes da publicação do seu artigo, Falcão foi nomeado como Cônsul em Colônia, um trabalho que ele começou em abril de 1931. Antônio Alexandre Bispo escreve, sobre o trabalho de Falcão como Cônsul na Alemanha, que “uma idéia fixa de Falcão era a de que os alemães, quando ouviam falar no Brasil, só pensavam em índios, o que, para ele, não

¹⁷ *A Scena Muda*, v. 8, n. 385, p. 18.

¹⁸ *Cinearte*, v.7, n. 349, 2 nov. 1932, p 5.

corresponderia à realidade. A intenção de Ildefonso Falcão foi, assim, a de salientar a cultura européia do Brasil.” (BISPO, 2010).

A caminho do Rio foi um insulto ao Brasil, mas o artigo também foi uma boa oportunidade para se apresentar ao povo Brasileiro e se recomendar ao governo brasileiro como um forte advogado e defensor da cultura brasileira.¹⁹

Conclusão

O incidente diplomático é apenas um exemplo de inúmeros envolvimento entre a história do cinema brasileiro e a história do cinema alemão nos últimos cem anos, p.ex. o UFA Palácio em São Paulo ou as biografias dos irmãos Franz e Edgar Eichhorn. Estudos transnacionais não substituem historiografias do cinema nacional, mas eles podem expandir e concluir capítulos abertos nas historiografias nacionais. Mais importante, estudos transnacionais podem combinar histórias dos cinemas porque eles oferecem novas perspectivas para entender melhor as dinâmicas nas culturas cinematográficas, nacional e internacional: *A caminho do Rio* era de origem alemã, mas seu destino ficou no Brasil.

Referências

BISPO, A. A.. “Inauguração do Instituto Português-Brasileiro de Colonia (1934) na sua inserção política”, *Revista Brasil-Europa - Correspondência Euro-Brasileira* 124/4 (2010:2). Disponível em: < http://www.revista.brasil-europa.eu/124/Instituto_Portugues-Brasileiro.html>. Acesso em: 18 nov. 2016.

DELMONT, J. “ ‘Pelo que é nosso!’: a diplomacia cultural brasileira no século XX”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 203-221, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v34n67/a10v34n67.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

LONDRES, A. *Le Chemin de Buenos Aires: la traite des blanches*. Paris: Albin Michel, 1927.

MÜLDER-BACH, I. (Ed.). *Siegfried Kracauer: Kleine Schriften zum Film. Band 6.3*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.

¹⁹ É notável que não existe nenhum documento sobre o escândalo no arquivo do consulado no AHI, Rio de Janeiro.